

FORMAÇÃO E AÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA: UM OLHAR PARA HUMANIZAÇÃO DOS SUJEITOS NA EDUCAÇÃO

FORMACIÓN Y ACCIÓN DOCENTE EN LA PERSPECTIVA SOCIO-HISTÓRICA: UNA MIRADA PARA LA HUMANIZACIÓN EN LA EDUCACIÓN

EDUCATIONAL TRAINING AND ACTION IN A SOCIO-HISTORICAL PERSPECTIVE: A LOOK AT HUMANIZATION IN SCHOOL EDUCATION

Jacqueline Daniele França de ALMEIDA¹

Marta Silene Ferreira BARROS²

Taira Sanches RABAL³

RESUMO: O estudo proposto tem por objetivo principal compreender o processo de humanização e emancipação dos sujeitos, considerando a formação dos profissionais da educação como significativa na Educação Escolar. A justificativa para a realização da pesquisa se dá pela identificação de uma educação atual que tem invertido as prioridades em relação a sua finalidade, desse modo, o espaço que poderia contribuir para a concepção de indivíduos desenvolvidos em suas máximas potencialidades, acaba ficando a serviço da manutenção do sistema capitalista. O problema que suscitou a investigação se resume em: quais as premissas necessárias para uma ação docente que transcenda a lógica do capital e conduza à humanização dos indivíduos na sociedade? Na metodologia do estudo optou-se por uma abordagem qualitativa, pautada na pesquisa bibliográfica para elaboração do corpo teórico, sobretudo sob os princípios da Pedagogia Histórico-Crítica e a Psicologia Histórico-Cultural, ambas fundamentadas pelos fundamentos do materialismo histórico-dialético. Os resultados acabam por revelar uma prática pedagógica fragilizada pela falta de consciência e intencionalidade das atividades propostas, isso não desassociando a escola de toda a conjuntura da sociedade a qual está inserida, que por sua vez tem um sistema econômico vigente que “dialoga” não só com a economia, mas com o modo de produzir, de se relacionar, de pensar, de agir. Ainda assim, pode-se avaliar que mesmo com os obstáculos dentro do contexto escolar, há possibilidades de superação para uma formação de sujeitos preparados visando à humanização.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Formação. Ação docente. Humanização.

RESUMEN: *El estudio propuesto tiene por objetivo principal comprender el proceso de humanización y emancipación de los sujetos, considerando la formación de los profesionales de la educación como significativa en la Educación Escolar. La justificación para la realización de la investigación se da por la identificación de una educación actual que ha invertido las prioridades en relación a su finalidad, de ese modo, el espacio que podría contribuir a la*

¹ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Discente do PPG em Educação. ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-0422-4533>>. E-mail: jacque.daniele@yahoo.com.br

² Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Professora Associada B do Departamento de Educação. ORCID <<https://orcid.org/0000-0002-1924-8490>>. E-mail: mbarros_22@hotmail.com

³ Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina – PR – Brasil. Discente do PPG em Educação. ORCID <<https://orcid.org/0000-0001-9523-5280>>. E-mail: tairasanches@hotmail.com

concepción de individuos desarrollados en sus máximas potencialidades, acaba quedando al servicio de la mantención del sistema capitalista. El problema que suscitó la investigación se resume en: ¿cuáles son las premisas necesarias para una acción docente que trascienda la lógica del capital y conduzca a la humanización de los individuos en la sociedad? En la metodología del estudio se optó por un abordaje cualitativo, pautado en la investigación bibliográfica para la elaboración del cuerpo teórico, sobre todo bajo los principios de la Pedagogía Histórico-Crítica y la Psicología Histórico-Cultural, ambas fundamentadas por los fundamentos del materialismo histórico-dialéctico. Los resultados acaban por revelar una práctica pedagógica fragilizada por la falta de conciencia e intencionalidad de las actividades propuestas, eso no desasociando la escuela de toda la coyuntura de la sociedad a la que está inserta, que a su vez tiene un sistema económico vigente que "dialoga" no sólo con la economía, pero con el modo de producir, de relacionarse, de pensar, de actuar. Sin embargo, se puede evaluar que incluso con los obstáculos dentro del contexto escolar, hay posibilidades de superación para una formación de sujetos preparados para la humanización.

PALABRAS CLAVE: Educación. Entrenamiento. Acción docente. La humanización.

ABSTRACT: *The main objective of this study is to understand the process of humanization and emancipation of the subjects, considering the training of education professionals as significant in School Education. The justification for the research is given by the identification of a current education that has inverted the priorities in relation to its purpose, in this way, the space that could contribute to the conception of individuals developed to their maximum potential, ends up being in the service of the maintenance of the capitalist system. The problem that has arisen from research is: what are the premises necessary for a teaching action that transcends the logic of capital and leads to the humanization of individuals in society? In the methodology of the study we opted for a qualitative approach, based on the bibliographical research for the elaboration of the theoretical body, especially under the principles of Historical-Critical Pedagogy and Historical-Cultural Psychology, both based on the foundations of historical-dialectical materialism. The results turn out to reveal a pedagogical practice weakened by the lack of awareness and intentionality of the activities proposed, this not disassociating the school from all the conjuncture of the society that is inserted, which in turn has a current economic system that "dialogues" not only with the economy, but with the way of producing, of relating, of thinking, of acting. Nevertheless, it can be evaluated that even with the obstacles within the school context, there are possibilities of overcoming to a formation of prepared subjects aiming at humanization.*

KEYWORDS: Education. Formation. Teaching action. Humanization.

Introdução

O homem, tal como conhecemos, é uma invenção da própria humanidade. Ao longo dos tempos, conforme as necessidades de sobrevivência solicitavam uma nova ação e comportamento, os indivíduos foram caracterizando sua vida, modificando, por meio do trabalho, a natureza, ao passo que esta também os transformava. Esse processo dialético nunca se estagnou, podendo considerar que os homens de hoje não serão da mesma forma amanhã.

É possível afirmar que o ser humano não nasce humano, mas se torna, por meio da educação. O percurso de vir a ser não se dá sozinho, mas é preciso que exista alguém mais experiente que já se apropriou das máximas qualidades humanas e que ensine o que de fato é da espécie em questão.

Essa educação do ser social ocorre em diversos ambientes e interações. Ao nascer, as pessoas adultas mais próximas da criança suscitarão necessidades que levarão ao desenvolvimento; mais tarde, a relação com as demais crianças, com os objetos e os novos ambiente apresentados desempenharão a mesma função. Por esse caminho da humanização, considera-se que a educação nas instituições especializadas, a escola, se faz tão necessária quanto as demais, pois é nesse momento que a criança terá contato, de maneira sistematizada, com o que há de mais elaborado pela cultura humana.

Fica inviável falar sobre a educação e humanização de quem chega à escola sem discutir sobre as questões de quem ensina, de quem teórica e praticamente caberia parte desse processo de formação do indivíduo. Acredita-se que a formação desse profissional deveria ser contínua, por assim dizer, o professor no seu trabalho deve ter a síntese do conhecimento, o qual não poderá cessar a busca por sua emancipação humana.

Portanto, o objetivo do estudo busca compreender o processo de humanização e emancipação dos sujeitos, considerando a formação dos profissionais da educação como significativa na Educação Escolar. No decorrer da análise algumas questões relevantes e relacionadas à temática serão abordadas, mas pode-se dizer que o problema central que gerou a tensão para a discussão foi: “Quais as premissas necessárias para uma ação docente que transcenda a lógica do capital e conduza a humanização dos indivíduos na sociedade?”. Assim, para traçar um caminho possível na compreensão da lógica elaborada pelas autoras, compilaram-se quatro tópicos nomeados: Educação e Humanização; Da Individualidade a Comunidade: uma educação para além do capital; Educação do Educador: contribuições do conhecimento para emancipação e Possibilidades Para Uma Sociedade mais Humana: o despertar da consciência em Marx.

Espera-se que o estudo contribua para uma análise da sociedade atual, considerando o processo de educação e humanização dos indivíduos que compartilham ideias comuns no sentido da superação da lógica corrompida para uma lógica em que os sujeitos sejam sociais e humanos.

Educação e humanização

O início do presente estudo emergiu da indagação de saber se em algum momento da vida você se deparou com questionamentos tais como: o que é ser humano? Por que somos do jeito que somos? Como aprendemos o que sabemos? Quem somos nós no mundo? Seja qual for a resposta, debruçamo-nos em temáticas envolvidas a esse respeito a partir da realidade concreta, possibilitando uma maior compreensão do ser e uma análise de como se dá esse processo de formação.

Na atualidade muitas são as perspectivas que buscam compreender a constituição do homem na sociedade. Algumas teorias fundamentam suas ideias na hereditariedade biológica, em que o homem ao nascer já traz em seu gene o que é preciso para desenvolver-se; outras afirmam que tudo que acontece com o sujeito é fruto da vontade suprema de uma divindade e assim o curso da vida fica restrito aos desejos da criatura superior; e há ainda o que corrobora com o método escolhido para esse trabalho, em que o entendimento é de que as pessoas tal como conhecemos são frutos da história, do material, do real que produzem.

A proposta de análise do homem segundo o materialismo histórico dialético não ignora a base biológica do indivíduo, mas não a coloca como essencial a ponto de possibilitar a caracterização tipificada como ser humano. Acredita-se que o corpo biológico traz potencialidades para que haja o desenvolvimento e que por meio da inserção no meio social, com a mediação de outras pessoas que se apropriaram da cultura humana, esse ser pode vir a ser humanizado. Assim, ao nascer não se pode considerar apenas a simples existência de que a criança é humana, mas ela deve tornar-se conforme sua vida em sociedade.

Com esse princípio do ser social a qual todos que compartilham uma vida comum em sociedade metamorfoseiam-se, Gyorgy Lukács escreve em sua obra “Los fundamentos ontológicos del pensamiento y de la acción humanos” (2004), na qual propõe a superação da ontologia hegeliana, fazendo o esboço da ontologia materialista histórica. A autenticação da discussão até o presente momento fica evidente quando o autor diz que “[...] el hombre pasó del ser natural a la personalidad humana; de un género animal relativamente desarrollado, al género humano, a la humanidad” (p. 48), desse modo, é possível afirmar que a passagem do útero materno a esse novo ambiente não constituiu o ser como humano, mas que as interações com outras pessoas elevam o sujeito a esse patamar, então o que e como somos é uma criação da vida em comunidade, em outras palavras da própria humanidade.

Ao conceber que o ser social provém da criação material, logo da história e da cultura, suscita a ideia de que dentre tantas formas de existir e viver o homem teve a oportunidade de escolhê-las e essas escolhas objetivam no hoje tal como são. Tal excerto vai ao encontro de uma afirmação muito conhecida de Marx (2003, p. 07), nas observações que faz do pensa-

mento de Hegel em sua obra *18 Brumário de Luís Bonaparte*, na qual evidencia que “os homens fazem sua própria história mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim, sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.”. Conforme a ideia acima é preciso ressaltar que a liberdade não corresponde aos ideais ilusórios propagados de que é possível realizar qualquer coisa sem levar em conta as circunstâncias, as causalidades.

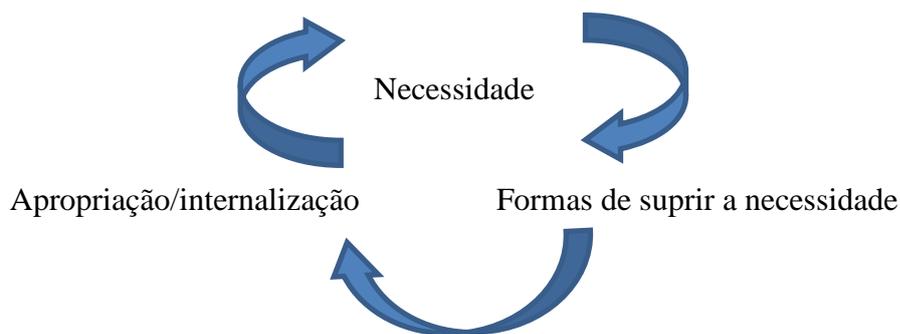
Segundo Lessa (2007, p. 141), a liberdade na constituição da história da humanidade “[...] seria a possibilidade de escolher, entre as alternativas possíveis inscritas no real, aquela mais apta a atender às necessidades postas pelo devir-humano dos homens”, ou seja, a liberdade dos homens perante as possibilidades de escolhas às quais estão relacionadas diretamente suas necessidades enquanto indivíduo e ser integrante de uma sociedade. Os determinantes não são algo imposto pelo universo com uma perspectiva etérea, mas fruto da criação humana.

Diante da exposição de como a humanidade é resultado dos próprios homens, que por sua vez não está acabada, mas sim em um constante movimento de modificação, já que a relação homem e natureza altera um ao outro em um processo dialético, a questão subsequente é como quem nasce no mundo atual produz e reproduz essa humanidade?

A resposta deriva de uma palavra chave, apropriação. O significado correspondente ao verbo apropriar é apoderar-se, tomar como seu (FERREIRA, 2010), assim o indivíduo que nasce com bases psicobiológicas em potencialidade para desenvolver-se, com os estímulos necessários internaliza o que lhe é ensinado. Esse processo que simultaneamente parece simples e complexo não seria viável sem a intervenção do “outro” mais experiente. Ele é quem apresenta a produção humana e ensina para qual fim foi criado.

Faz-se necessário evidenciar que Vygotsky, um dos marcos teóricos do presente estudo, foi um pesquisador de grande relevância que se empenhou em entender a relação aprendizagem e desenvolvimento do ser humano em cada período da vida. Desse modo, quando na citação acima se considera essencial a relação com os outros para internalização das formas culturais de ação e pensamento, visualiza-se uma mobilização para humanização.

A palavra apropriação não se desvencilha do ensino. Para que o indivíduo se apodere de algo, mais especificamente de um conteúdo, é necessário que se crie primeiro a necessidade nele, por conseguinte, que alguém o mostre como suprir tal necessidade, ação caracterizada pelo ensino, e assim, a aprendizagem, resultante da internalização que ocorre de maneira gradativa. Para melhor visualização de como se desenvolve o ciclo, observe o esquema abaixo:



É importante ressaltar que esse é um processo contínuo, sempre que uma necessidade é satisfeita, logo, no seio dela outra começa a se criar. Tomemos como exemplo os primeiros meses de vida, na qual a criança nasce apenas com necessidades biológicas de sobrevivência, que se supridas podem engendrar na primeira atividade guia do seu desenvolvimento, a de comunicação emocional direta que tem por característica o envolvimento afetivo com o “outro”, que lhe apresenta o mundo humano aproximando e afastando objetos, usando a linguagem oral e corporal, exibindo os ambientes existentes e assim por diante. Nessa atividade, a relação estabelecida acaba por levar a criança a querer conhecer mais. Por volta de um ano, da forma exploratória emerge uma nova necessidade de entender as finalidades, ou seja, a atividade guia desse processo de periodização do desenvolvimento infantil é a de manipulação objetal (BERNARDES, 2012). Tem-se claro que o novo carrega traços do anterior, pois nesse anterior as possibilidades para emersão do desconhecido surgem.

Verifica-se, a partir do exemplo dado, que logo ao nascer, pelo processo de educação, inicia-se a transformação do ser natural ao humano. Os lugares, as coisas, as pessoas tornam real nesse movimento de necessidade e apropriação, de humanização.

Aprofundemos na especificidade da humanização em um contexto ainda não abordado diretamente até o presente momento, as instituições escolares, que por meio da sistematização de conteúdos elaborados ao longo da história da humanidade, os quais podem contribuir quando o professor assume o compromisso de se debruçar em ensinar as características típicas de nossa espécie. No entanto, em meio a tantas adversidades que emergiram no decorrer da elaboração da sociedade atual, o que se observa, por vezes, são obstáculos com raízes profundas que vão na contramão de um desenvolvimento social saudável. Tendo o método histórico dialético como base, sempre há possibilidades de superação do que está posto, logo, para uma educação que priorize a humanização e a vivência de indivíduos em colaboração mútua no mesmo espaço, a seguir far-se-á uma análise do ensino atual e as novas possibilidades.

Da individualidade para a comunidade: o ensino para além do capital

Ao fazer uma análise desde o começo desse estudo, é possível observar que o ensino, com toda sua abrangência, vem permeando as discussões nos meios acadêmicos, ainda que em alguns momentos não explicitamente. Assim, ainda sem aprofundar o conceito de ensinar, quando o termo é citado, logo a memória traz como referência o local, onde grande parte dos sujeitos passaram horas de sua vida, sentados em carteiras enfileiradas tendo à frente uma pessoa que transmitia, facilitava ou ainda mediava o conhecimento.

Embora óbvio, em uma análise introdutória, a escola não pode ser desassociada de toda a conjuntura da sociedade, que por sua vez tem um sistema econômico vigente que “dialoga” não só com a economia, mas com o modo de produzir, de se relacionar, de pensar, de agir. É importante evidenciar que desde o século XVIII, com a Revolução Industrial, o modelo capitalista se consolidou e se tornou predominante a partir da expansão dos seus fundamentos em esfera global; isso quer dizer que atualmente vivemos ainda sob a égide desse sistema, a qual, mesmo que exista um esforço para a emancipação humana, em muitos momentos a alienação consome as pessoas, pois a globalização do capitalismo articulou muito bem seus pressupostos, idealizando-os como naturais com a finalidade de se perpetuarem.

A institucionalidade do sistema capitalista alterou todo o modo de vida conhecido, trazendo uma qualificação para o sistema anterior e colocando o presente e o futuro como essenciais para a valorização da individualização dos sujeitos como elemento vital para instauração da sua lógica (DIAS, 1997): o homem (indivíduo) passa a buscar benefício próprio, deixando à margem o real em que é parte de um todo.

Essa individualização é valorizada quando a política expõe a afirmação de que “todos os cidadãos são iguais perante a lei”, trazendo a ilusão de que a ascensão para uma vida mais estável economicamente, culturalmente e socialmente está para todos. Sabe-se que essa ideologia nada mais é do que um discurso das classes dominantes para apaziguamento das classes subalternas, que lhes dá a possibilidade na esfera das ideias, mas que no real concreto as vias são impossibilitadas.

Em uma colocação muito instigante, Lessa (2007, p. 128) diz que “[...] a sociedade capitalista se constrói como uma enorme arena, na qual os indivíduos não cessam de lutar entre si por um lugar ao sol”, por esse lugar “privilegiado” vale qualquer coisa, inclusive desumanizar-se. Com essa racionalidade instaurada pouco importa a empatia pelo outro, ao contrário, para que haja o lucro acumulativo vale sim a escravidão (ainda que disfarçada), a coisificação

das pessoas e até mesmo iniciar uma carnificina humana. O capitalismo permanece indiferente às crueldades desde que seus objetivos sejam realizados.

Tornou-se natural passar por um morador em situação de rua sem que isso altere algo nos seres humanos, não existe sensibilidade ao ver uma criança pedindo moedas no semáforo, muito menos se quer saber como está sendo o dia da pessoa que trabalha ao lado. O espaço para humanização dos seres está cada vez mais escasso, tudo gira em torno de como produzir mais em menos espaço de tempo para que o lucro seja cada vez mais satisfatório sem nunca alcançar uma satisfação.

Era preciso estampar a situação a qual produzimos e reproduzimos na atualidade para que a compreensão do ensino na escola se objetive com maior clareza. Como já explicitado, torna-se difícil analisar uma esfera da sociedade sem considerar as demais, já que ambas são partes de um complexo maior, é por isso as instituições de ensino em sua grande maioria compactuam com a formação do homem para o capitalismo.

A escola produz e reproduz a manutenção do sistema. As influências do taylorismo e do fordismo modificaram radicalmente as formas de produção na sociedade e penetraram o ambiente escolar, fragmentando os conteúdos em disciplinas, com professores especializados em uma área do conhecimento e com tempo cronometrado para finalização de cada atividade. A eleição do que se ensinar corresponde unicamente para como manter vivos os preceitos do capitalismo.

O ambiente escolar é o lugar por excelência do conhecimento, contudo, como está posto atualmente, resume-se a moldar as pessoas nos padrões estabelecidos. Desde muito cedo a criança é estimulada a pensar só em si, introduz-se o aforismo de que quem é mais qualificado tem lugar de privilégio na sociedade, e assim a competitividade para ser melhor que o outro, a produção do exército reserva, processualmente é internalizada ainda na escola.

Pensemos em uma educação que supere essa lógica estabelecida pelo capitalismo, uma educação que seja ampla e humanizadora (MÉSZAROS, 2007). Ainda que a escola esteja a serviço do sistema vigente ela é constituída por pessoas, que por vezes, engajadas em seu compromisso político e pedagógico, não medem esforços para apropriar-se continuamente do conhecimento e, assim, criam uma consciência. A música Somos quem podemos ser dos Engenheiros do Hawaii evidencia que “um dia me disseram quem eram os donos da situação, sem querer eles me deram as chaves que abrem a prisão”, assim, por mais que a escola forneça a manutenção do capital, é nela também que se pode encontrar uma saída, mesmo com o entendimento de que não é a redentora da sociedade, mas uma das instituições importantes nesse processo de superação.

Uma das funções da escola é socializar os conhecimentos produzidos pela humanidade, pois, enquanto seres sociais, vivemos em conjunto, e todos, sem distinção ou escala de prioridade, tem importância no desenvolvimento do gênero humano. Armando filho, em um estudo sobre a “Humanização e escola como comunidade” (2014, p.59), defende a ideia de que “A comunidade deveria ser a finalidade da humanização”, aprender a viver com os demais sem considerar o próximo um predador, com espaço para sentir, viver e trabalhar em prol do todo.

Educação do educador: contribuições do conhecimento para emancipação

No item anterior refletimos sobre como a escola, dentro da comunidade, pode contribuir para formar o Ser mais voltado para o social do que para o individual. Por consequência do grau de alienação das pessoas, entre elas, os professores, por vezes a escola com o trabalho que desenvolve, deixam de explorar as máximas potencialidades humanas das crianças, reproduzindo situações e condições que tem como foco manter as coisas como elas estão, sem transformá-las no sentido de melhorar o processo educacional. Isso requer que haja um debruçar sobre os fenômenos para estudá-los e compreender o que pode ser feito para mudar esse quadro.

Dentre os vários aspectos que demandam uma profunda análise no contexto da educação e que apresentam considerável relevância na apropriação do conhecimento, elencamos o processo de formação do professor. Em contraposição às concepções de educação, que apontam o professor como um mero facilitador no processo de ensino-aprendizagem, nesse estudo advoga-se em favor da relevância desse profissional como mediador do conhecimento científico, com base nos fundamentos da psicologia Histórico-cultural. Nesse sentido, qual seria o princípio que fundamenta o trabalho educativo do professor, no processo de humanização? Recorremos a Saviani e Duarte (2012, p. 15) na tentativa de responder essa questão de que “[...] se a educação é uma atividade específica dos seres humanos, se ela coincide com o processo de formação humana, isto significa que o educador digno desse nome deverá ser um profundo conhecedor do homem”.

Mas como conhecer o homem? Dentro dessa ótica é imprescindível uma reflexão acerca da formação. Para que o professor possa compreender a constituição do aluno enquanto ser humano, faz-se indispensável conhecer seu processo de desenvolvimento, a forma com que aprende e quais os conhecimentos necessários a fim de que este (o aluno) atinja a “máxima apropriação das qualidades humanas” (MELLO, 2007).

No contexto educacional atual, os requisitos necessários para atuar em sala de aula restringem-se, muitas vezes, à formação inicial. Acontece que, nessa lógica de negligenciar a importância de uma formação continuada, as práticas educativas na escola estão deixando de elevar o conhecimento dos sujeitos a categorias mais complexas, apenas reproduzem aquilo que está posto. Com isso, não estamos afirmando que a ausência de conhecimentos mais aprofundados por parte do professor seja o único fator determinante desse fenômeno, da não formação para que se efetive um ensino de qualidade, mas que, com certeza é uma variável relevante do processo de humanização.

Inquestionavelmente, a formação continuada deve fazer parte da vida do professor, independente do nível educacional em que atua. Os cursos oferecidos pelas instituições e órgãos públicos priorizam alguns níveis, a Educação Infantil, por exemplo, “[...] por vezes não recebe prioridade no tocante à formação continuada” (CHAVES, 2014, p. 124). Observamos nessa questão uma contradição, tendo em vista que, por ser o primeiro nível da Educação Básica, ou seja, a base da formação da criança, consideramos que deveria estar contemplada no contexto da formação do educador.

Na perspectiva de Chaves (2014), quando há cursos de formação, uma questão que merece destaque é a falta de qualidade desses processos, que muitas vezes são descontextualizados, superficiais e sem continuidade. Na maioria das vezes, os cursos ocorrem com grande número de participantes, perdendo de vista as questões importantes e o aprofundamento teórico necessário. Para a autora, esses cursos não têm assegurado “estudos e reflexões que mobilizem o educador para analisar a dinâmica da vida dos homens e sua dinâmica de trabalho, conduzindo-o a uma reavaliação do seu cotidiano” (CHAVES, 2014, p. 121).

É justamente essa dimensão da formação que se prioriza nesse estudo. Se o professor não consegue reavaliar suas práticas por meio da reflexão e tiver a consciência de que é um agente a serviço da alienação ou da emancipação do sujeito, quais as chances de direcionar sua práxis para transformação da realidade em que está inserido e da realidade das crianças? Se o educador, em suas ações, baseia-se em espontaneidades, não fundamenta suas práticas em nenhuma concepção teórica, não estabelece finalidades para o seu trabalho, por conseguinte as atividades soltas e sem propósito esclarecido acabam prejudicando o processo de humanização e emancipação dos sujeitos no ambiente escolar.

Outra questão importante abordada por Chaves (2014) diz respeito aos aspectos que podem ser observados no contexto escolar como sendo reforçadores da imensa distância entre a riqueza e a pobreza, como, por exemplo, a “[...] escassez de materiais didático-pedagógicos, de livros de literatura infantil, jogos e brinquedos e na fragilidade da formação e capacitação

de profissionais da educação” (CHAVES, 2014, p. 122). A condição dos espaços e do ambiente em que a criança passa grande parte do seu dia, na escola, pode ser, de acordo com Chaves (2014, p. 123), “[...] impeditiva para um processo de escolarização humanizadora”. Para a autora, isso reflete a desvalorização, por parte do capitalismo, das crianças que advêm das classes populares, das famílias trabalhadoras.

As consequências desse descaso com a educação podem ser trágicas para a sociedade como um todo, já que por uma análise dialética a escola e a sociedade estão em um movimento de influência mútua. Assim, as instituições escolares, em algumas situações, acabam por não cumprirem com sua função, sendo esta compreendida por Duarte (2013b apud DUARTE, 2016, p. 67) como a “[...] função de mediação entre a vida cotidiana e as esferas não cotidianas de objetivação do gênero humano, especialmente a ciência, a arte e a filosofia”. Isso não se restringe à educação pública. Dependendo da forma como a educação privada articula os recursos dos quais dispõe aos conhecimentos que elege para o trabalho pedagógico, também deixa as crianças à margem do processo educacional. Nesse sentido, a atual sociedade não está tão distante em comparação com a sociedade analisada por Marx. As desigualdades e contradições impostas pelo sistema econômico capitalista nos impulsionam a estudar e conhecer quais as reais possibilidades que temos, por intermédio do trabalho, de transformar ao menos os contextos nos quais estamos inseridos.

A educação do educador, com base no que foi discutido até o momento, aponta para a urgente e imprescindível formação sólida, fundamentada conforme a pedagogia Histórico-crítica e a psicologia Histórico-cultural, cujos princípios fundantes encontram-se no materialismo histórico-dialético. Essas são abordagens que, de acordo com o contexto atual, elucidam questões que apontam para uma possibilidade de transformação no contexto onde os sujeitos estão inseridos. A seguir, essas possibilidades tecerão a discussão.

Possibilidades para uma sociedade mais humana: o despertar da consciência em marx

Refletir acerca de uma sociedade humanizada perpassa várias dimensões. O objetivo, entretanto, é analisar a materialização dessas possibilidades no contexto da educação. Diante de vários desafios e algumas problemáticas no cenário educacional atual, de quais recursos e subsídios dispomos na busca por soluções e superações? Recorre-se novamente ao materialismo histórico-dialético para procurar alternativas que possam amenizar essas questões.

A pedagogia que se desenvolveu a partir desses pressupostos é a pedagogia histórico-crítica, que “[...] era uma proposta pedagógica que estivesse atenta aos determinantes sociais

da educação e que permitisse articular o trabalho pedagógico com as relações sociais” (SAVIANI, 2011, p. 118). Esta é a proposta adotada por muitos estados e municípios brasileiros. Entretanto, embora a opção direcione para esse corpo teórico, na prática, as ações do professor apontam para um tipo de ecletismo que, conseqüentemente, leva a práticas equivocadas em sala de aula. Dessa forma, partindo apenas do que o aluno conhece sem avançar na transposição dos conhecimentos prévios para os conhecimentos científicos, qual tem sido a contribuição para o processo de formação? Certamente, a educação no sentido de humanização do sujeito é aquela que se fundamenta nos conhecimentos mais elaborados pela humanidade. Duarte (2016, p. 67) afirma que:

O conhecimento mais desenvolvido é aquele que permite a objetivação do ser humano de forma cada vez mais universal e livre. O critério é, portanto, o da plena emancipação humana. Em termos educativos, há que se identificar quais conhecimentos podem produzir, nos vários momentos do desenvolvimento pessoal, a humanização dos indivíduos.

Dessa forma, compreendemos que é este o conhecimento que deve ser priorizado pela escola. A educação escolar no nosso ponto de vista representa uma possibilidade de transformar a sociedade por meio do conhecimento. Para Saviani (2011, p. 80), a relação entre sociedade e educação não é unidirecional, a educação tanto é determinada pela sociedade quanto interfere sobre ela, “[...] podendo contribuir para a sua própria transformação”.

Nesse sentido, a educação contribui para o despertar da consciência, para conhecer melhor a vida, seu contexto e seus determinantes sociais. Dessa forma, a pedagogia Histórico-crítica apresenta “[...] a possibilidade de se articular uma proposta pedagógica cujo ponto de referência, cujo compromisso, seja a transformação da sociedade e não sua manutenção, a sua perpetuação” (Saviani, 2011, p. 80). A educação escolar dentro da perspectiva fundamentada nos pressupostos de Marx pretende humanizar os sujeitos, levando a uma emancipação do ser, para que assim possa vir a se instaurar uma sociedade com propósitos sociais. Esse processo é árduo e exige do professor um comprometimento com o ensinar, com o desenvolvimento dos sujeitos e como consequência com a sociedade.

Considerações finais

Este estudo partiu do problema acerca das premissas necessárias para uma prática educativa humanizadora que transcenda a lógica do capital. No âmbito da pesquisa, chamamos a atenção para o processo de transposição do ser eminentemente biológico para o ser social, por meio do processo de educação e de apropriação, por parte do sujeito, das qualidades humanas.

Esse comportamento social é desenvolvido por meio das mediações do outro, com signos e instrumentos culturais produzidos pelas gerações precedentes. Salientamos que essa produção cultural é um direito de todos, independente de sua classe social. Entretanto, esse conhecimento é sonogado, e de certa forma inacessível às classes trabalhadoras, que permanecem alienadas em relação aos seus direitos e ao papel que ocupam na sociedade capitalista. O papel que os sujeitos ocupam está tão naturalizado que parar e refletir acerca dele exige conhecimento sobre a realidade e os determinantes sociais. Como é a vida que determina a consciência, ou seja, ela se forma de fora para dentro do Ser, é preciso conhecê-la para poder fazer algum movimento para transformá-la, e não se conformar com ela e permanecer alienado.

Essa alienação nos desumaniza e nos individualiza. Nesse sentido, afirmamos que a escola poderia produzir o entendimento de que, enquanto ser social, vivemos em conjunto, e todos, sem distinção ou escala de prioridade, tem importância no desenvolvimento do gênero humano.

Avalia-se ser a educação parte da superestrutura de dominação, entretanto, existe a defesa que ela pode ser convertida em ferramenta importante para emancipação, dependendo da concepção de homem com a qual ela trabalha. O trabalho com o conhecimento perpassa a dimensão da educação do educador e constatamos ser urgente e imprescindível uma formação sólida, fundada nos princípios do materialismo histórico-dialético, por acreditarmos que essa é uma abordagem que aponta para uma lógica de transformação do que está posto socialmente.

Dessa forma, considera-se que o conhecimento mais desenvolvido, científico, erudito, que perpassa todos os campos do conhecimento, deve ser priorizado pela escola. Este conhecimento não deve ser sonogado, por essa razão, a escola não pode perder o foco naquilo que é próprio da escola, negando-se e esvaziando-se da educação conforme os propósitos do sistema capitalista. A educação escolar representa uma possibilidade de transformação por meio do conhecimento.

Nesse sentido, é proposta como possibilidade de elevação a formação do professor, fundamentada nos princípios da pedagogia histórico-crítica e na psicologia histórico-cultural, tendências com pano de fundo no materialismo histórico-dialético, pressupostos que auxiliarão na compreensão sobre a importância do trabalho educativo como uma forma de emancipação do sujeito. Isso deve converter-se em práticas conscientes e intencionais, com objetivos claros quanto à sua atividade principal: o ensino.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Maria Eliza Malttosinho. **Mediações simbólicas na atividade pedagógica: contribuições da Pedagogia Histórico-Cultural para o ensino e aprendizagem**. 1. ed. Curitiba, PR:CRV, 2012.

CHAVES, Marta. Formação contínua e práticas educativas: possibilidades humanizadoras. In: CAÇÃO, Maria Izaura.; MELLO, Suely Amaral.; SILVA, Vandeí Pinto da. (Org). **Educação e desenvolvimento humano: contribuições da abordagem Histórico-cultural para a educação escolar**. Jundiaí, Paco Editorial: 2014.

DIAS, Edmundo Fernandes. **A liberdade (im)possível na ordem do capital: reestruturação produtiva e passivização**. Campinas SP: IFCH/UNICAMP, 1997.

DUARTE, Newton. **Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuições à teoria histórico-crítica do currículo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. Ed. – Curitiba: Positivo, 2010.

FILHO, Armando Marino. Humanização e escola como comunidade. In: MILLE, Stela.; BARBOSA, Maria Valeria.; MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima (Org.). **Educação e humanização: as perspectivas da teoria histórico-cultural**. Jundiaí: Paco Editora, 2014.

LESSA, Sergio. **Para compreender a ontologia de Lukács**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2007.

LUKÁCS, Gyorgy. **Ontologia del ser social: el trabajo**. 1. ed. Buenos Aires: Herramienta, 2004, p. 35-53.

MARX, Karl. **O 18 brumário de Luiz Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2003.

MELLO, Sueli Amaral. **Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural**. Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/1630/1371>. Acesso em: 20 ago. 2017.

MÉSZAROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI**. Trad. Ana Cotrim; Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 195-223.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval.; DUARTE, Newton. (Org.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

Como referenciar este artigo

ALMEIDA, Jacqueline Daniele França de.; BARROS, Marta Silene Ferreira.; RABAL, Taira Sanches. Formação e ação docente na perspectiva sócio-histórica: um olhar para humanização dos sujeitos na educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. 1, p. 108-122, jan./mar., 2019. E-ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riaee.v14i1.11143

Submissão: 28/02/2018

Revisões requeridas: 30/08/2018

Aprovação final: 25/10/2018